POR **HUGO CHECO***

O Resgate do Santo

Há uns bons anos atrás, G.K. Chesterton referiu que a filosofia tomista, mais do que qualquer outra, era a que estava mais próxima da mente do homem comum. "*Unfortunately, between the man in the street and the Angel of the Schools, there stands at this moment a very high brick wall, with spikes on the top, separating two men who in many ways stand for the same thing*" (G.K. Chesterton, Saint Thomas Aquinas cap. VI).

Pois bem, no livro de João César das Neves o resgate do santo tem início no dia 28 de Janeiro quando a jovem Margarida se confronta com um conjunto de informações biográficas e citações da obra de São Tomás de Aquino.

Tinha de ser às de uma jovem curiosa e perspicaz. Um académico, e em particular um dos mais eminentes na área em que me movo, ao deparar-se com uma passagem similar de São Tomás sobre o jogo e o divertimento, produziria com certeza um juízo assaz distinto.

Margarida "encontrara agora alguém que tinha uma explicação profunda e lógica, uma teoria ordenada para compreender o caso, e que estava disposto a explicá-lo de forma clara" (João César das Neves, *O Rapto do Santo*, p.35). John Rawls sobre o mesmo tópico encontrou um doido, já que" embora a subordinação de todos os nossos fins a um objectivo não viole, em rigor, os princípios da escolha racional, nem por isso deixa de nos parecer irracional e provavelmente louco (John Rawls, *A Theory of Justice,* §83). E é isto que nos separa efectivamente de São Tomás de Aquino (académicos ou homens comuns) ou seja, falta-nos aquela desconcertante rectidão de propósito, "aquela pureza de coração que, tal como Kierkegaard disse, é querer uma coisa" e que o Doutor Angélico manifestou ao longo de vários episódios da sua vida.

Até é possível entender que o povo de Deus tenha perdido o seu grande santo "porque os estudiosos o levaram consigo para os gabinetes e as bibliotecas" (O *Rapto do Santo*, p.19). Neste caso, São Tomás está num ambiente que lhe é familiar. Pior seria se o enclausurassem num manicómio. Talvez ainda existam algumas Margaridas que se sintam intrigadas com a ideia de "entregar a vida a um fim último" e que, também por isso, se achem genuinamente motivadas a questionar: «e se a gente perguntasse a São Tomás?»

Aberta a porta a uma possível recuperação e diálogo, o investigador interessado pela vida e produção intelectual de São Tomás de Aquino começa a contactar nesta obra com uma personalidade dotada de uma energia e generosidade invulgares, com um professor profundamente aplicado e preocupado com a ordem da exposição, com a aplicação de novos métodos e novas formas de argumentação. Aqui tropeçamos nas próprias palavras de São Tomás: "um homem é verdadeiramente professor ensinando a verdade e iluminando a mente, não no sentido em que infunde o lume da razão, mas no sentido em que auxilia o lume da razão pela perfeição de ciência, mediante aquilo que propõe externamente" (*De Veritate*, q.11, a.1. ad.9).

O Rapto do Santo capta esta faceta de São Tomás de Aquino de forma extremamente adequada. E aí o temos debruçando-se sobre temas, que chamam imediatamente a atenção do leitor mais ávido de polémicas e curiosidades, como o jogo e o estudo, a ignorância, a mentira, o sexo, o prazer, as cruzadas e a inquisição; mas também sobre grandes objectos da reflexão filosófica: Deus, o universo, o amor, a fé, o ser, a ética, a felicidade. Na abordagem a todos eles, o autor põe-nos em contacto directo com São Tomás de Aquino através da reunião de alguns dos seus textos. É aqui que o leitor acede ao talento peculiar de São Tomás no tratamento de cada tema específico, à ordem e disciplina na abordagem, à tremenda capacidade de tratar o mesmo assunto sob diversos pontos de vista, à habilidade em efectuar as devidas distinções teóricas e ao seu inigualável poder de síntese.

Na verdade, não é só a Suma de Teologia que pode ser comparada a uma catedral gótica. Cada artigo possui a mesma majestade, equilíbrio de composição e aquela clareza adveniente de uma espiritualidade cheia de luz. O objectivo em expor de forma concisa e resumida um tópico em questão, de organizar os objectos de um determinado domínio de conhecimento de forma sintética e interrelacionada, e de comunicar tudo isto de forma estimulante e pedagógica não se verifica apenas na macroestrutura da Suma de Teologia, mas também em cada artigo. Mesmo o leitor menos especializado e entusiasta pode experimentar isto ao ler os textos escolhidos pelo autor deste livro.

E depois, tudo na actividade intelectual de São Tomás tem proporções colossais. A extensão da obra, o ritmo de trabalho, a capacidade de abstracção e concentração, os milhares de quilómetros percorridos entre Universidades e Estúdios Gerais da ordem dominicana deram origem a imensas historietas diverti-

das. Quando estas são bem escolhidas e devidamente contrabalançadas (como acontece neste livro), apresentam-nos um teórico absorvido pelas suas questões mais agudas, mas também um homem atento, modesto, afável, enérgico e generoso.

Por tudo isto, e especialmente nos últimos tempos, temos de desculpar muitos dos eruditos, académicos, teólogos e universitários que raptaram São Tomás de Aquino e o levaram para os seus gabinetes. Como referiu Chesterton, o mundo tem um instinto para aquilo de que precisa: "as the eighteenth century thought itself the age of reason, and the nineteenth century thought itself the age of common sense, the twentieth century cannot as yet even manage to think itself anything but the age of uncommon nonsense. In those conditions the world needs a saint; but above all, it needs a philosopher" (G.K. Chesterton *Saint Thomas Aquinas* cap. I).

O Rapto do Santo
João César das Neves
Lisboa, Verbo, 2006

Contudo, neste livro, o resgate do Santo foi conduzido a bom termo. De facto, não nos é apresentado somente o professor incansável ou o génio intelectual produtor de Sínteses Teológicas. De facto, muitas são as obras que, ao pretenderem captar a personalidade de São Tomás de Aquino, nos oferecem apenas o retrato de um génio universitário na Idade Média. E neste caso "têm razão, têm mesmo muita razão." Todavia, há algo que lhes escapa. A vida de São Tomás de Aquino foi de facto uma vida de procura, de investigação e de partilha generosa e incansável do conhecimento, mas tal sucede a par de uma intenção firme de seguir literalmente os passos de Jesus Cristo. E nesta linha, o livro de César das Neves faculta-nos uma outra dimensão da vida e obra do Doutor Angélico. Aqui se integram as pequenas orações, os dois distintos capítulos sobre a humildade, os relatos da vida de São Tomás que sublinham a sua piedade singela, constante e determinada, o tratamento de temas como Bem-Aventuranças, Cristo, Oração, Maria e até a referência à sensibilidade poética, à eloquência que presidiu à composição do Ofício da festa do Corpo de Deus.

Enfim, sem arriscarmos muito, consideramos que o autor deste livro (corrigindo levemente a afirmação de Chesterton) acredita que acima de tudo o nosso mundo necessita de um santo e de um filósofo. Por razões bem distintas, o homem vulgar e o académico mais versado, ambos têm muito que aprender com a personagem principal de deste livro.

*DOUTORANDO DO INSTITUTO DE ESTUDOS POLÍTICOS
E DOCENTE DA FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

POR **MIGUEL MORGADO***

Da Rússia, com Sabedoria

Hoje, quase ninguém contesta que Aleksandr Solzhenitsyn é uma das grandes personalidades da história intelectual do século XX. A publicação de uma compilação que reúne num só volume textos inéditos – bem como excertos das suas obras de referência – traduzidos para a língua franca do mundo que é o Inglês, representa por isso um notável momento editorial. Em particular, o público que não lê Russo agradece.

Em *The Solzhenitsyn Reader*, o leitor tem acesso, no mesmo volume, a poemas, excertos de obras extensas como *Pavilhão dos Cancerosos*, *A Roda Vermelha* ou *O Arquipélago do Gulag*, pequenos contos, ensaios e discursos do grande pensador Russo. Para além disso, a introdução à vida e pensamento de Solzhenitsyn, da autoria de Edward E. Ericson, Jr. e de Daniel J. Mahoney, é admirável pelo seu rigor, abrangência e entusiasmo. Pretende igualmente ser uma defesa de Solzhenitsyn contra os seus críticos, nomeadamente os mais recentes.

Solzhenitsyn encabeça um longo exército de dissidentes do regime bolchevique e da sua infinita opressão, cuja manifestação mais subtil, mas nem por isso menos evidente, consistiu na corrupção da verdade e na mentira descarada. Porém, não se pode dizer que Solzhenitsyn tenha sido um dissidente igual aos outros. A sua crítica não visou somente a repressão desumanizadora e as violações grotescas da liberdade; Solzhenitsyn opôs-se ao totalitarismo em nome da recuperação da densidade espiritual da vida humana quando esta não é interpretada como "o centro da existência". No centro da reflexão moral, política e estética do autor de *Um Dia na Vida de Ivan Denisovich* deparamos com a rejeição do "humanismo antropocêntrico" ou da ideia de que o homem cumpre a sua vocação e realiza a sua natureza fechado em si mesmo. O vazio espiritual não se preenche sem memória, e persiste se a abertura ao divino for negada.

Curiosamente, foi depois da queda da tirania bol-